

VIOLÊNCIA LIGADA À EXCLUSÃO SOCIAL

Professora-doutora da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), a socióloga Elaine Pimentel Costa lembra que a natureza da violência em Alagoas mudou da época do coronelismo e seus crimes de mando, para a criminalidade que resulta da exclusão social, característica das áreas urbanas. Neste sentido, ela afirma que, guardadas as proporções, o Estado sofre dos mesmos males que qualquer outro, como São Paulo e Rio de Janeiro.

“Os altos números da violência, e dos homicídios, resultam da desestruturação social, típica do crescimento desordenado das cidades, que carecem de direitos sociais”, declara a estudiosa, autora de livros cuja temática é a violência urbana.

Em seu entendimento a população de Alagoas se sente insegura. Mas não é, primeiramente, por causa dos homicídios.

“As pessoas não estão com medo de morrer. Elas têm medo dos assaltos e eventuais ações resultante desse crime, que levam à morte”, afirma a professora, para quem é o assalto que gera o pânico social. Esse tipo de violência é o



Elaine : cautela ao atribuir ao tráfico explicação por crimes

que leva as pessoas a se fecharem em suas casas, com muros altos, e apartamentos, com medo de viver as ruas.

PREPONDERÂNCIA

Especificamente sobre os homicídios, Elaine Pimentel manifesta cautela em atribuir tudo ao tráfico. O comércio ilegal de drogas é um dos fatores preponderantes nas causas dos assassinatos que ocorrem em Alagoas, mas o número elevado tem como razão a banalização da

vida, declara a socióloga. Aqui, acrescenta, mata-se por muito pouco.

As novas gerações, principalmente na periferia, não respeitam e não valorizam a vida alheia. E a razão desse comportamento, acredita Elaine Pimentel, está no desamparo em relação a direitos sociais. As mortes ocorrem por questões de poder que podem ou não estar ligadas ao tráfico.

“São divergências e conflitos resolvidos de forma violenta, pela falta de

valores humanos, de respeito ao outro. Parcela de nossa comunidade juvenil cresce sem essas referências”, argumenta a socióloga.

Quanto à resposta do Estado aos assassinatos, ela concorda que é necessária, mas contesta a política unicamente repressiva. “Pensar somente na repressão é uma política falha. Se prender fosse suficiente, já teríamos reduzido a criminalidade”, declara Pimentel, ressaltando que o Brasil tem a quarta maior população carcerária do mundo.

A professora reconhece que não há uma fórmula de aplicação e resultados imediatos para conter a criminalidade e reduzir os índices de homicídios. “O Estado precisa garantir às pessoas oportunidades para que não vivenciem as privações que levam à criminalidade. O crime sempre vai existir, mas os índices são maiores onde a vulnerabilidade social é acentuada”, declara a socióloga.

Na segurança pública a sociedade enfrenta desafios históricos que, em sua avaliação, precisam ser emparados em políticas permanentes. **BO**